



## A MULHER E A REPRODUÇÃO SOCIAL DA FAMÍLIA WOMEN AND THE SOCIAL REPRODUCTION OF FAMILY

Miriam de Oliveira SANTOS<sup>1</sup>

### RESUMO:

No final do século XIX a grande imigração européia para o Brasil é basicamente uma imigração camponesa. A base do campesinato, que, aliás, se encontra na própria definição do termo, é o trabalho familiar. Sendo assim o casamento é um evento extremamente importante, que produz não só uma nova família, mas uma nova unidade produtiva. Estamos diante do “pai-patrão” que governa o processo de trabalho em uma família que funciona como unidade produtiva. Nas colônias fundadas por estes imigrantes europeus o controle dos casamentos era visto como extremamente importante já que deles podiam depender a sobrevivência do grupo e de seus costumes, tradições, etc. Até a segunda metade do século XX ainda eram comuns os casamentos arranjados, os cálculos matrimoniais que uniam não-herdeiros com herdeiras, e especialmente uma tentativa permanente de casar “para cima”, isto é com alguém situado, economicamente falando, em um espaço social um pouco acima do seu. Nesse contexto casamentos fora do grupo são raros e vistos com desconfiança e geralmente só realizados quando havia a possibilidade do indivíduo não casar, situação vista como pior do que a alternativa de “casar para baixo.”

**PALAVRAS-CHAVE:** imigração, camponeses, família

### ABSTRACT:

In the end of century XIX the great European immigration for Brazil is basically a peasant immigration. The base of the peasant, that, by the way, is found in the proper definition of the term, is the familiar work. Being thus the marriage it is an extremely important event, that a new family not only produces, but a new productive unit. We are ahead of the “father-master” who governs the process of work in a family who functions as productive unit. In the colonies established for these European immigrants the control of the marriages was seen as extremely important since on them they could depend the survival of the group and its customs, traditions, etc. Until the second half of century XX still was common the arranged marriages, the marriage calculations that joined non-heirs with heiresses, and especially a permanent attempt to marry “for top”, that is with somebody situated higher, economically speaking, in a social space a little above of its. In this context marriages it are of the group are rare and visas with diffidence and generally only carried through when it had the possibility of the individual not to marry, situation seen as worse of what the alternative “to marry for low.”

**KEYWORDS:** immigration, peasants, family

No final do século XIX a grande imigração européia para o Brasil é basicamente uma imigração camponesa. A base do campesinato é o trabalho familiar sendo assim o casamento é um evento extremamente importante, que produz não só uma nova família, mas uma nova unidade produtiva. Estamos diante do “pai-patrão” que governa o processo de trabalho em uma família que funciona como unidade produtiva hierarquizada. Dentro deste quadro as tensões e conflitos surgem do embate entre um projeto de vida e modelos e valores tradicionais, que enquadram a mulher e os filhos na hierarquia familiar numa posição subordinada e outros projetos e valores que identificam o campo de

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda do CPDA/UFRRJ. Professora da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – FSMA  
Pesquisadora Associada do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM-RJ  
mirsantos@uol.com.br

possibilidades no qual se possa desenhar uma trajetória individual e singular. Um dos traços apontados por Mendras (1978,p.4) para caracterizar a sociedade camponesa é justamente a importância estrutural do grupo doméstico na organização da vida econômica.

Neste quadro, os grupos familiares se organizam em torno de papéis sociais bem definidos: à mulher cabem as atividades reprodutivas, e embora também trabalhe na lavoura, o seu trabalho é caracterizado como “ajuda”, de forma que, hierarquicamente, perde importância em relação ao trabalho desempenhado pelos homens. Esta hierarquia se objetiva na falta de remuneração pelo trabalho e na negação aos direitos previdenciários, visto que, ao não ser reconhecida a relevância da sua participação, nega-se a identidade de trabalhadora social/legalmente constituída. A utilização da mão-de-obra feminina e infanto-juvenil ocorre no contexto de reprodução familiar, onde a figura masculina representa o chefe, o “superior”.

Esta disposição dos papéis dos grupos familiares vão se repetir nos pequenos comércios com mão de obra familiar. A mulher e os filhos solteiros que aí trabalham efetivamente não costumam ter carteira de trabalho ou participação na sociedade e o seu trabalho é visto como uma “ajuda”. O casamento preferencial é com descendentes de imigrantes da mesma etnia, já que socializadas desde cedo nesses mesmos valores, elas não costumam questioná-los. É possível deduzir que os casamentos com descendentes de outras origens sejam mais frequentes na cidade, mantendo-se na zona rural uma relativa endogamia.

A família (e especialmente a mulher) funciona como um elemento-chave não apenas para a "sobrevivência" dos indivíduos, mas também para a transmissão do capital cultural, do capital econômico, para a proteção e socialização de seus componentes e de solidariedade entre gerações. Atuando como uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade, a família opera como organização responsável pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas e também como espaço de produção e transmissão de práticas culturais.

O arquétipo da grande mãe e da maternidade é uma constante no universo pesquisado e reflete uma visão que tem como fundamento a imagem feminina universal, que "representa a mulher como eterno ventre e eterna provedora". Segundo Seyferth:

Às mulheres – mãe e avó – é atribuído o papel de educar filhos e netos nos princípios da cultura trazida da nação originária. A origem comum é apenas um qualificador incompleto da identidade étnica, pois esta presume, igualmente, a prática cultural compartilhada pelos membros da comunidade. Os argumentos a favor da endogamia são relacionados à função da família como transmissoras da língua e dos costumes para os descendentes. (Seyferth,2000, p.166)

Diversos autores enfatizam o casamento como uma das categorias culturais mais importantes para a análise do campesinato. Para Ellen Woortmann, o casamento entre camponeses não é uma simples questão de escolha individual: “*a rigor, não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Trata-se de um affaire de famille*”. (Woortmann, 1995,p.157)

Ainda segundo Woortmann:

A emergência da vontade individual, em detrimento dos interesses do grupo, é percebida como perigosa e, de fato, conduz à dissolução do modelo de organização social do grupo. Ela é vista também como motivo de condutas morais negativas: "aquele é uma semente que rolou barranco abaixo", disse um colono, referindo-se a um jovem que deixou a casa dos pais, casando-se com uma "estranha" e envolvendo-se com negócios obscuros na cidade.(Woortmann, 1994,p.10)

Nas colônias fundadas por estes imigrantes o controle dos casamentos era visto como extremamente importante já que deles podiam depender a sobrevivência do grupo e ainda a posse da terra. Nesse contexto casamentos fora do grupo são raros e só eram realizados quando havia a possibilidade do indivíduo não casar, situação vista como muito pior do que a alternativa de “casar para baixo”<sup>2</sup>.

Exemplo deste tipo foi o casamento de Gregório descendente de imigrantes italianos e Regina<sup>3</sup> descendente de negro e portuguesa, na fronteira do Espírito Santo com Minas Gerais na primeira década do século XX. Os relatos dão conta que Gregório era “muito brabo”, já abandonara duas noivas na porta da igreja e matara uma de suas irmãs. Em função deste perfil nenhuma das famílias da comunidade italiana aceitou casar uma de suas filhas com ele. Este caso retrata bem o casamento como um “negócio entre famílias”, são as famílias que decidem os casamentos subordinando os interesses pessoais de seus membros aos interesses coletivos. Significativamente alguns anos depois Gregório é assassinado (foi “tocaiado” recebendo um tiro nas costas) e Regina e seus filhos são pressionados a sair da cidade (as terras ficaram com a família dele).

Em outro caso um descendente de italianos Antônio casou-se com Bárbara descendente de índia com português. Neste caso Antônio era órfão de pai, filho mais velho e arrendatário de uma fazenda, não havia portanto terras de família para herdar. A mãe de Antonio aparentemente não conseguiu demovê-lo do casamento, mas os relatos dão conta que ela e as filhas só falavam em italiano para que Bárbara não entendesse. Ela e as filhas moravam no mesmo sítio, mas não na mesma casa que o casal. Repete-se aqui o que Segalen (2002:77) aponta para a família camponesa francesa, a casa é o local dos conflitos, especialmente entre a nora e a sogra.

Segundo os filhos Bárbara aprendeu a cozinhar os pratos da culinária italiana tão bem quanto à sogra e as cunhadas, acrescentando em tom de pesar que “ela só não conseguiu aprender a língua”... Os filhos deste casal também não sabem italiano, relatam que o pai evitava falar em casa porque a mãe ficava magoada. Os dados que possuímos não nos permitem inferir o motivo, mas alguns anos após o casamento, o casal deixa a comunidade rural formada majoritariamente por descendentes de italianos e se fixa na cidade (Carangola-MG).

Diversamente de outras categorias sociais, o camponês é ou procura ser, de maneira geral, proprietário da terra, dono dos meios de produção, trabalhador; e chefe de família, sendo esta o ator principal. Apesar das diferentes formas sociais e trajetórias individuais que pode adquirir, a unidade agrícola familiar possui uma característica especial: é organizada como se fosse um trabalhador coletivo.

Nas regiões coloniais em que predomina a agricultura familiar, verifica-se um padrão a respeito da sucessão nas propriedades rurais, e apesar das variações possíveis em geral são os filhos homens que herdam a terra, enquanto as mulheres se tornam agricultoras por casamento.

A delimitação de diferentes papéis entre os membros do grupo doméstico camponês e particularmente as representações formuladoras do lugar ocupado pela mulher, na família e no casamento, eram construídas e reproduzidas socialmente a partir de referenciais culturais que legitimavam a ingerência paterna na definição desse processo decisório. Assim, o patrimônio fundiário, a família e o sistema de valores culturais, ao reproduzirem desigualdades e hierarquias entre os gêneros e as gerações, representavam uma unidade indissolúvel no processo de reprodução social do campesinato.

No entanto observamos que estas práticas típicas do campesinato perpetuam-se entre a população de imigrantes, mesmo entre aqueles que se estabeleceram em áreas urbanas, neste caso mais importante que a transmissão da herança física é a transmissão da herança cultural como podemos observar neste trecho de Luzzatto:

[...] somos diferentes: todos somos brancos [sic] e alfabetizados, não existem esmoleiros e todos têm seu trabalho fixo. E não apenas na vila, mas também no interior do distrito, pouquíssimas são as famílias que não possuem água encanada, rádio, TV, refrigerador e freezer! Somos ou não somos diferentes [sic]? No entanto, ainda falta algo. Nossa cultura vêneta – [...]– tem sofrido

<sup>2</sup> Casar para baixo é uma expressão nativa para realizar um casamento desfavorável.

<sup>3</sup> Os nomes utilizados são fictícios.

um desgaste muito grande e não foi convenientemente substituída. Houve uma miscigenação nos costumes, felizmente ainda não no sangue [sic].<sup>4</sup>

Nosso trabalho de campo em Caxias do Sul demonstrou bem essa valorização da herança cultural. Ao contrário de outros lugares da Região Sul do Brasil onde houve influência da colonização italiana, o antigo núcleo colonial de Caxias do Sul tornou-se uma cidade de porte médio. A cidade cresceu sob a hegemonia da população italiana e à medida que cresceu e se industrializou, começou a atrair migrantes das regiões circunvizinhas.

Inicialmente os migrantes eram os colonos da região rural do próprio município e de municípios vizinhos da encosta nordeste da serra gaúcha, também de origem italiana. Mais tarde esta atração se estende à população dos chamados “Campos de Cima da Serra” e as colônias alemães.

Atualmente Caxias do Sul é o segundo maior e mais influente município do Rio Grande do Sul, e o principal município da chamada “região italiana” ou “região da serra” do Rio Grande do Sul. A região é um importante pólo de fabricação de vinhos, móveis, autopeças, carrocerias, malhas e outros produtos e serviços.

Os descendentes de imigrantes italianos não são mais a maioria no total da população, mas continuam sendo a maioria nas classes mais altas: são eles os donos da maioria das indústrias e grandes lojas da cidade. As famílias italianas são as famílias “tradicionais” da cidade, os fundadores dos clubes, as damas de caridade, enfim, para usar um termo que embora desgastado é bastante preciso, formam a “elite” local.

A Festa da Uva atua desde as suas origens como um elemento que, além de reafirmar os valores simbólicos do grupo de descendentes de imigrantes, reforça junto ao restante da sociedade, a imagem que estes descendentes buscam projetar: são pioneiros, desbravadores e civilizadores de uma terra selvagem, bons trabalhadores e bons católicos. Enfim merecedores do êxito econômico e do prestígio político e social que desfrutaram na cidade.

Em Caxias do Sul em 1950 um incidente ocorrido no momento da escolha da Rainha da Festa demonstra bem como o casamento dentro do grupo era valorizado.

Excepcionalmente nesta edição da Festa, em função da comemoração dos 75 anos da Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul, participam do concurso para Rainha da Festa da Uva representantes dos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Antônio Prado, Veranópolis, Guaporé, Nova Prata, Flores da Cunha e Farroupilha, além da candidata escolhida para representar Caxias do Sul.

A eleita foi a candidata de Bento Gonçalves, Olívia Teresinha Simões Morganti, ela era filha de um descendente de italianos, militar do exército que servindo no Nordeste do país casou-se com uma nordestina. Segundo Adami (1966) ao ouvir o anúncio de sua vitória, um caxiense chegou a exclaimar: “*Aonde é que se viu elegerem para rainha de festa da uva, uma negra da Vacaria*”?<sup>5</sup>

Pudemos observar uma foto desta rainha e constatamos que o uso da palavra “negra” estava relacionado não com o fenótipo da eleita, mas com o fato dela ser considerada “brasileira”, de fora do grupo, enfim “não italiana”.

A partir de 1911, Caxias do Sul atraiu um numeroso grupo de artesãos portugueses, oriundos da região vinícola do Rio Douro, promovendo um intenso processo migratório. Dois fatores conjugavam-se, à época, para a formação de um importante núcleo local de profissionais da tanoagem: de um lado, a expansão do cultivo da videira e o aumento da produção vinícola; de outro, a oferta de uma mão de obra qualificada, em condições de ser imediatamente absorvida no processo produtivo. Em termos sociais, o resultado foi a formação de uma comunidade diferenciada junto às cantinas-tanoarias conhecida como o “bairro dos portugueses” ou Bairro Lusitano, onde se instalaram cerca de trezentos profissionais, além dos familiares. A interrupção do fluxo migratório, levou ao desaparecimento do bairro e a absorção dos portugueses e seus descendentes pela sociedade envolvente. Tadiane Tronca, descendente de portugueses e italianos e Secretária Municipal de Cultura de Caxias do Sul no período de 1997-2000, conta a história da imigração portuguesa em “Vapor Drina” um romance *à clef*. Neste

<sup>4</sup> Obtido através de Maestri, 2003.

<sup>5</sup> A rainha eleita havia nascido em Vacaria, uma cidade localizada próxima da divisa com Santa Catarina, de larga tradição campeira e habitada prioritariamente por luso-brasileiros e “brasileiros”. Vacaria forma com Lages em Santa Catarina um complexo pastoril

romance a autora deixa bem clara a discriminação e o preconceito que acompanhavam as mulheres, descendentes de italianos, que casavam com não-italianos. (Tronca,1997)

Como todos possuem a nacionalidade brasileira há mais de um século é muito difícil conseguir dados precisos sobre o casamento entre descendentes de imigrantes. No entanto podemos afirmar que os “casamentos interétnicos” são mais comuns na zona urbana que na rural e nas classes mais altas, já que nas mesmas o condicionamento de classe é maior que o “étnico”.

No entanto os “casamentos interétnicos” das elites urbanas geram freqüentemente o “apagamento” das mulheres, é o caso, para citar um exemplo contemporâneo, da mãe de Germano Rigotto<sup>6</sup>, ex-deputado federal e ex-governador do Rio Grande do Sul. Ele é sempre festejado como descendente de italianos e a origem lusa de sua mãe e seu sobrenome Vargas, jamais são mencionados (embora freqüentemente se mencione seu primo Pepe Vargas, ex-prefeito de Caxias do sul e adversário político).

Este exemplo demonstra a ambigüidade da noção de regra e remete para aquilo que Bourdieu denominou de estratégia, o princípio da prática, quando o agente ajusta suas normas e valores às condições práticas que lhe são dadas.

Sendo assim podemos concluir que a discussão de gênero e migração relaciona-se diretamente com a definição das identidades, seus significados e embates fronteiriços, mas é importante não esquecer que esta identidade é flexível e relacional, os signos de pertencimento que serão acionados a cada momento estão diretamente relacionados com o contexto em que o indivíduo está atuando.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMI, João Spadari. *Caxias do Sul*. Caxias do Sul: Tipografia São José, 1957
- ADAMI, João Spadari. *Festas da Uva. 1881 a 13-2-1965*. Caxias do Sul: São Miguel, 1966.
- BOURDIEU, Pierre. “Stratégies de reproduction et modes de domination”. Actes de La Recherche em Sciences Sociales. Nº 105, Decémbre 1994:3-12.
- ERBES, Luiz Carlos *Alma de um Povo. Sete Décadas da Festa da Uva*. Caxias do Sul, Maneco Livraria e Editora, 2000
- GIRON, Loraine Slomp *Caxias do Sul: Evolução Histórica*. Caxias do Sul/Porto Alegre, UCS, 1977
- KAUTSKY, K. *A Questão Agrária*. 3 ed. São Paulo: Proposta Editorial /EST, 1980
- MAESTRI, Mario. “Os gringos também amam” In: *Revista Espaço Acadêmico*. Ano III , nº25, junho de 2003.
- MENDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- TRONCA, Tadiane. *Vapor Drina*. 2 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa e Identidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- SEGALEN, Martine. *Jeux De Familles - Parents, Parenté, Parentèle*, Paris: Cnrs Editions, 2002.
- SEYFERTH, Giralda. “As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional” In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, nº14, p.143-176, novembro de 2000.
- WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e siti antes do Nordeste*. Brasília: EdUnb; São Paulo: Hucitec, 1995.
- WOORTMANN, Ellen. *A Árvore da Memória*. Brasília: UNB, 1994.

Recebido 15/01/2007

Aprovado: 20/05/2007

---

<sup>6</sup> Germano Antônio Rigotto, filho de Germano João Rigotto e de Julieta Diniz de Vargas Rigotto, nasceu em Caxias do Sul em 24 de setembro de 1949.